



FORMAÇÃO TALIESINIANA · APOSTILA 03



ONDE ESTÁ O SEU AWEN?

Inspiração, consciência e registros

Observar a vida, reconhecer a inspiração

Sérgio Lourenço



CERRIDWEN · AWEN · HERNE





Onde está o seu Awen?

Depois de reconhecer as raízes e os fundamentos da Arte, começamos a preparar sua presença na vida. A pergunta que nomeia esta etapa não procura um lugar distante ou um objeto que possa ser adquirido. Ela nos convida a perceber aquilo que inspira, anima e transforma nossa experiência. Onde está o seu Awen? Como você reconhece sua passagem?

Awen, pronunciado aqui como “aoúem”, é uma palavra galesa que designa inspiração divina. No Caminho Taliesiniano, seu sentido inclui um fôlego e uma energia vital que atravessa a natureza manifesta. Reconhecemos Awen no mundo e em nós, pois também somos parte dessa natureza. A busca espiritual começa a ganhar profundidade quando essa continuidade deixa de ser apenas uma ideia.

Nesse entendimento religioso, Awen participa dos movimentos de equilíbrio e renovação dos seres. Podemos aproximá-lo, por livre associação, de conceitos como mana, chi ou númen, sem reduzir essas tradições a um único significado. A aproximação oferece imagens para refletir; cada conceito também possui história e sentidos próprios.

Esta apostila desenvolve a relação entre inspiração, poesia e liturgia, apresenta orientações para a rotina de formação e organiza os registros da jornada. Estudaremos as consciências solar, mercurial e lunar como uma linguagem simbólica para observar nossa experiência interior. Ao final, realizaremos o primeiro exercício formal: a construção dos livros de registros.

O propósito é começar a relacionar estudo e observação. A inspiração pede uma mente preparada, uma vida em que possa encontrar lugar e atenção àquilo que se modifica em nós. Awen poderá ser buscado nas palavras, nos sonhos, na natureza e nos gestos cotidianos, sempre acompanhado de consciência e discernimento.

Percorso de leitura · Awen e inspiração: pp. 2-5 · Rotina e registros: pp. 6-10 · Três consciências: pp. 11-15 · Exercício 1: p. 16 · Referências: p. 17





O Caldeirão: preparar-se para a inspiração

No mito que inspira a Tradição, Cerridwen prepara uma poção em seu caldeirão. Gwion Bach participa desse trabalho durante um ano e um dia. Quando três gotas alcançam seu corpo, ele leva o dedo à boca e recebe a sabedoria que transformará sua jornada. A inspiração se manifesta em um acontecimento que parece inesperado.

Uma leitura iniciática nos convida a olhar além do acaso. Foi Gwion quem sustentou o serviço junto ao caldeirão. A experiência de Awen não surge desligada de seu preparo. A aparente surpresa pertence ao olhar de quem ainda não reconhece inteiramente o mistério; a transformação encontra alguém que esteve presente no trabalho.

O caldeirão reúne dimensões divinas e mágicas. Ele pertence a Cerridwen, Deusa e sábia bruxa, e oferece uma imagem do receptáculo da inspiração. Awen pode ser reconhecido tanto na poção quanto na matriz em que ela é preparada: uma força que precisa ser acolhida, elaborada e vivenciada.

Essa imagem ajuda a compreender por que o entusiasmo não substitui a constância. Mexer o caldeirão significa permanecer em relação com o processo, mesmo quando seu resultado ainda não está visível. O estudo, a atenção e o compromisso criam condições interiores para receber aquilo que não podemos simplesmente exigir.

A jornada iniciática abre possibilidades de encontro com Awen. Sua linguagem é também poética, pois a poesia mobiliza o vínculo com os Deuses e com a natureza. Ela pode expressar relações que uma explicação linear não alcança por completo. A experiência pede palavras, mas também pede sensibilidade para o que as palavras despertam.

Os episódios do mito serão aprofundados em suas apostilas próprias. Aqui, eles oferecem uma orientação inicial: a inspiração é inseparável da preparação. A pergunta sobre onde está seu Awen precisa encontrar companhia em outra pergunta, sobre como você está cultivando a disponibilidade para reconhecê-lo.





Poesia e liturgia: a forma que acolhe Awen

A poesia utiliza palavras de maneira inspirada. Ela pode deslocar regras e sentidos habituais sem abandonar toda forma. A gramática oferece sustentação, mas não encerra aquilo que um poema pode mobilizar. Seu significado também nasce do encontro com quem o lê, escuta ou declama.

A Wicca pode ser compreendida como uma religião de poesia. Os mitos são narrativas sagradas em que o espírito encontra linguagem. Nos ritos, a palavra ganha voz em invocações, hinos e orações; recebe materialidade nos instrumentos e elementos; e adquire movimento nos gestos e posturas. A poesia ritual envolve o corpo inteiro.

Awen se manifesta nesse encontro como energia e inspiração. Um rito pode reunir palavras previamente aprendidas e, ainda assim, tornar-se uma experiência singular. O modo de pronunciá-las, a presença do praticante e as relações despertadas naquele momento participam de sua expressão.

A liturgia da Tradição, reunida no Livro das Sombras, oferece um ponto de apoio seguro. Uma estrutura fixa não precisa ser compreendida como imutável. Ela funciona como uma chave e um gatilho sagrado, mantendo coerência com o caminho iniciático enquanto permite que a inspiração encontre passagem.

É possível que palavras conhecidas despertem outras palavras ou sentidos. Essa ampliação da “gramática da liturgia” oferece a cada rito uma assinatura astral própria, na linguagem da Tradição. A inspiração precisa permanecer coerente com a senda e com os fundamentos que sustentam a prática.

Para aprofundar essa relação, conheceremos as camadas esotéricas e espirituais de Awen e aprenderemos a acessar a mente meditativa. A preparação meditativa será apresentada na próxima apostila. Nesta etapa, começamos a cultivar a atenção e a linguagem necessárias para reconhecer e registrar a experiência.





Três raios: Wicca e inspiração celta

O número três participa de muitas referências da espiritualidade celta, e o símbolo de Awen reúne três raios. Emma Restall Orr, em *Princípios do Druidismo*, apresenta diferentes camadas de sua interpretação. Uma delas relaciona o símbolo aos pontos do nascer do Sol nos solstícios e nos equinócios.

Nessa leitura, feita a partir do Hemisfério Norte, o solstício de inverno se associa ao Sudeste; os equinócios, ao Leste; e o solstício de verão, ao Nordeste. As linhas representam a luz solar que estimula a vida e oferece inspiração. Essa referência precisa conservar seu contexto hemisférico.

Orr também apresenta Awen como uma busca constante, capaz de atravessar muitas vidas, e não como um resultado definitivamente alcançado. Essa procura aproxima druidas e alguns bruxos wiccanos, incluindo os taliesinianos. A aproximação, porém, não transforma a Tradição de Taliesin em um terceiro caminho entre Wicca e Druidismo.

Somos uma tradição de Wicca inspirada pela espiritualidade celta e por contribuições do Druidismo moderno. O mito do bardo Taliesin é interpretado dentro de uma senda iniciática wiccana. Reconhecer os conhecimentos recebidos de outras tradições é parte do respeito por suas diferenças.

Orr relaciona encontros entre os movimentos à amizade de Gardner com Ross Nichols, nos anos 1950, e descreve aproximações de wiccanos, grupos e ordens com o Druidismo nas décadas examinadas em sua obra. Ela distingue a ênfase wiccana na prática mágica da busca druídica pela inspiração divina. No caminho taliesiniano, a magia também é uma forma de buscar Awen.

Heron Michelle, em *Bruxaria Elemental*, apresenta a entonação de Awen como mantra no levantamento do Cone de Poder, técnica de elevação de energia em círculo, com ou sem finalidade mágica específica. Essa referência amplia o diálogo. Para aprofundá-lo, consulte também as reflexões de Gardner sobre crenças celtas, Bruxaria e Druidismo em suas duas principais obras.





Fazer Wicca: encontrar lugar na rotina

A teoria começa agora a encontrar uma exigência concreta: a Wicca precisa caber na vida. Isso significa reconhecer que estudo, práticas e registros solicitam tempo, assim como trabalho, descanso, vínculos e cuidados cotidianos. O entusiasmo por uma espiritualidade não garante, sozinho, a disponibilidade para vivê-la.

O compromisso não pede que a religião ocupe todos os espaços. Pede que ela encontre um lugar real, em vez de aparecer apenas no tédio ou na procura de uma novidade. Uma relação com o sagrado é construída por presença e continuidade. Na Wicca, o praticante participa dessa construção e não espera que alguém a realize em seu lugar.

Examine sua agenda com honestidade. Quanto tempo existe de fato? Com que frequência você poderá estudar e praticar? Durante esse tempo, haverá atenção ou apenas sucessivos adiamentos? As respostas precisam considerar as condições da classe trabalhadora, as responsabilidades e os limites pessoais, sem substituir a realidade por uma idealização.

A orientação geral é dedicar-se aos exercícios duas a três vezes por semana, com duração de 40 a 50 minutos por encontro. Reserve também de duas a três horas semanais para leitura e cerca de uma hora para organizar os diários. Exercícios posteriores poderão trazer frequências específicas, que deverão ser preservadas.

Conhecer previamente o conjunto dos conteúdos teóricos favorece uma execução mais clara do treinamento. A referência temporal inicial é de um ano e um dia, acompanhada do convite a pensar esse tempo multiplicado por três. O sentido é permitir amadurecimento, em vez de transformar o calendário em promessa de conclusão automática.

Se ainda não houver espaço para esse compromisso, reconhecer o momento pode evitar frustrações. A simplicidade de um gesto ritual não torna superficial sua experiência. Encontrar Awen envolve moldar e trabalhar a própria vida, relacionando a teoria àquilo que pode ser sustentado com integridade.





Os registros: observar a própria jornada

O autoconhecimento exige uma relação continuada de observação. Precisamos perceber como pensamos, sentimos, agimos e nos modificamos. Essa atenção também se dirige ao entorno: natureza, pessoas e experiências que ainda não conseguimos compreender. Registrar cria uma memória do percurso e permite retornar ao que poderia se perder.

Nesta formação, utilizaremos três livros de registros: o diário de sonhos, o Livro-Espelho ou diário pessoal e o diário mágico, também chamado livro de experiências mágicas. Cada um oferece uma perspectiva, e os três precisam conversar entre si. O Livro das Sombras possui outra função e não pertence exatamente a essa categoria.

Mantenha os registros separados, em cadernos, pastas, arquivos distintos ou seções de um fichário. A recomendação inicial é escrever à mão, com caneta e suporte físico. Mais adiante, é possível migrar para o formato digital. A escrita manual favorece presença, concentração e a relação entre pensamento e ação.

Em um treinamento formal, registros poderiam ser apresentados, integral ou parcialmente, a um dedicador ou iniciador. Neste caminho de autotreinamento, eles pertencem à sua intimidade. A orientação é mantê-los em sigilo, sem publicá-los em redes sociais nem oferecê-los a amigos ou relacionamentos íntimos.

Esse cuidado não declara que outras pessoas sejam indignas de confiança. Reconhece a importância de um espaço que não depende de uma audiência. A privacidade corresponde ao pilar mágico do calar e permite investigar experiências sem precisar convertê-las em uma apresentação de si.

Adquira seus livros e comece a tomar nota. Não é necessário esperar uma vivência extraordinária. O cotidiano, um sonho incompleto ou uma percepção durante a leitura já oferecem matéria de observação. A continuidade da escrita ajuda a reconhecer o próprio processo e a acompanhar suas mudanças.





O diário de sonhos: escutar a noite

O diário de sonhos acolhe uma linguagem que nem sempre conseguimos manter ao despertar. Imagens, sensações, personagens e pequenos enredos podem desaparecer rapidamente. A primeira tarefa é começar a percebê-los e registrá-los, mesmo quando a lembrança é breve ou pouco organizada.

Observe os sonhos que surgem desde o início dos estudos da Wicca. Você se lembra deles? Consegue mantê-los na mente ao acordar ou precisa de esforço para recuperá-los? Essas perguntas ajudam a reconhecer como sua memória onírica se apresenta. A prática de anotar poderá favorecer maior familiaridade com aquilo que é lembrado.

Um registro não precisa conter uma narrativa completa. Pequenos trechos ou sensações também pertencem ao exercício. A constância importa mais que a impressão de ter produzido um sonho especialmente significativo. O primeiro movimento é oferecer espaço àquilo que aparece.

Na compreensão da Arte, os sonhos podem funcionar como uma passagem ao autoconhecimento, um oráculo pessoal e, futuramente, uma porta para experiências interpretadas como astrais. Esses sentidos pertencem ao horizonte simbólico e esotérico do caminho. Nenhum deles exige que toda imagem seja tomada como uma mensagem literal.

Relacionaremos esse diário à consciência lunar, a dimensão em que conteúdos inconscientes se manifestam por símbolos. A consciência mercurial participa da tradução dessa linguagem, enquanto a solar ajuda a organizar e examinar o que foi percebido. A interpretação é um trabalho entre essas instâncias.

O diário de sonhos permanecerá separado dos outros registros, mas seus conteúdos poderão ser colocados em relação com o cotidiano e com as práticas. À medida que as anotações se acumularem, você terá um conjunto de experiências próprias para observar, preservando a privacidade daquilo que foi escrito.





Livro-Espelho e diário mágico

O Livro-Espelho acompanha sua vida cotidiana. Ele deve refletir quem você é, o que faz, como organiza a rotina e de que maneira as experiências afetam seu estado emocional. A escrita permite observar a presença da Wicca na vida e aquilo que você começa a compreender sobre si.

Esse diário corresponde especialmente à consciência solar, que organiza e analisa. Ao registrar acontecimentos e refletir sobre eles, você cria critérios para reconhecer padrões e mudanças. O propósito não é produzir uma personagem espiritual, mas acompanhar uma existência concreta, com suas percepções e dificuldades.

O diário mágico acolhe experiências relacionadas aos estudos, aos exercícios e aos ritos. Registre reflexões, insights, a forma de realizar uma prática, quando ela ocorreu e em quais condições. Essas informações ajudam a desenvolver presença ritual e a lembrar aspectos que poderiam ser esquecidos.

Neste início, a orientação do Exercício 1 é registrar no diário mágico apenas os insights relacionados à Wicca e à magia que surgirem durante leituras ou no cotidiano. As anotações sobre experiências ao final das práticas serão acrescentadas posteriormente, conforme o treinamento avançar.

O diário mágico se relaciona à consciência mercurial, capaz de acolher imagens, símbolos e pensamentos que ainda não parecem ligados à realidade imediata. Tome nota mesmo quando o sentido não estiver claro. Algumas compreensões se elaboram depois da experiência, entre conteúdos conscientes e inconscientes.

Os dois registros possuem funções distintas e compartilham a mesma vida interior. Mantenha a separação que favorece sua organização e permita o diálogo entre eles e o diário de sonhos. Um acontecimento pode ser observado por linguagens diferentes, e essa relação amplia sua possibilidade de compreensão.





O cabeçalho: um mapa simbólico do momento

A Wicca utiliza um repertório simbólico do ocultismo ocidental para interpretar ritmos, fluxos e marés de poder. A astrologia participa dessa linguagem por meio dos doze signos, dos planetas, das fases lunares, das horas e das estações. O conhecimento básico dessas referências ajudará a compreender os registros.

Cada anotação deve receber um cabeçalho que situe o momento da experiência. A tabela abaixo reúne as informações propostas. Ao registrar o signo solar, indique o signo em que o Sol se encontra naquele momento, e não seu signo natal.

Na leitura esotérica, o dia da semana se relaciona às energias planetárias; a fase lunar, à maré energética; o signo lunar, aos movimentos interiores; o signo solar, a aspectos do eu; e a estação, aos ciclos mais amplos da Terra. O cabeçalho é um mapa simbólico para observar essas relações, sem dispensar o exame do contexto cotidiano.

Campo	O que registrar
Data completa	Dia, mês e ano.
Dia da semana	Dia da semana em que ocorreu a experiência.
Horário do registro	Horário em que você escreve a anotação.
Horário da experiência	Quando aconteceu; no diário mágico, anote também sua duração.
Lua	Fase da Lua e signo em que ela se encontra.
Signo solar	Signo em que o Sol se encontra no momento.
Estação do ano	Estação vigente no local da experiência.





Três consciências: uma paisagem interior

A natureza manifesta também está dentro de nós. Para perceber Awen, precisamos observar tanto o mundo quanto nosso dinamismo interior. A linguagem da “psicologia wiccana” nomeia aqui uma compreensão simbólica do psiquismo; ela não deve ser confundida com a ciência ou com a profissão da Psicologia.

Distinguimos as consciências solar, mercurial e lunar. Outras correntes podem falar em eus ou selfs, utilizando diferentes nomes para abordar uma dinâmica interior. Neste percurso, os três emblemas ajudam a reconhecer linguagens e funções que se complementam. Eles não constituem pessoas separadas nem uma hierarquia de valor.

A relação entre microcosmo e macrocosmo aparece no axioma hermético: “O que está acima é como o que está abaixo; o que está fora é como o que está dentro.” A cosmologia oferece imagens para compreender experiências internas, enquanto essas experiências ampliam o sentido dos símbolos religiosos.

A Bruxaria aqui é lida como uma disciplina de base xamânica, reelaborada na Wicca contemporânea. Estados alterados de consciência participam desse repertório. Gardner reuniu diferentes recursos sob a referência aos oito caminhos do poder, incluindo vinho, dança, sexo, plantas enteógenas, meditação, relaxamento e mudanças na estimulação dos sentidos.

Esses recursos são apresentados como parte do repertório histórico e esotérico, não como instruções de execução nesta apostila. Transitar entre estados exige preparo, disciplina e cuidado. Nosso treinamento seguirá suas práticas específicas de maneira progressiva, começando pela observação e pelos registros.

Quando dizemos que um rito acontece “entre os mundos”, essa imagem também pode referir-se à consciência: um estado intermediário entre razão e inconsciente. A mente mercurial ocupa esse limiar. Conhecer as três consciências ajudará a compreender suas funções e a cultivar equilíbrio entre elas.





A consciência solar: organizar e compreender

A consciência solar corresponde à razão, à análise e à organização linear. Ela reúne dados, separa informações e estabelece critérios para elaborar respostas coerentes. É uma função necessária para lidar com a realidade cotidiana e para estruturar o que aprendemos.

A vida concreta exige essa presença. Trabalho, compromissos, decisões e a organização dos estudos precisam de atenção racional. As ciências e muitas formas de organização social também dependem da capacidade de investigar, comparar e compreender. Alimentar essa dimensão participa do equilíbrio da jornada.

No Livro-Espelho, a mente solar ajuda a nomear acontecimentos, perceber relações e examinar o modo como estamos vivendo. Depois de uma prática, ela também organiza o que foi experienciado. O retorno ao registro permite encontrar palavras e critérios para aquilo que, durante o rito, foi vivido de outra maneira.

Na cosmologia simbólica utilizada aqui, a consciência solar é relacionada ao Deus Cornífero em nós. Essa associação integra uma leitura religiosa da interioridade. Não transforma uma função em superior às demais; seu valor está na participação que oferece ao conjunto.

Quando a dimensão solar domina excessivamente, podemos nos prender à hiper-racionalização, à arrogância intelectual ou a um ceticismo incapaz de acolher a linguagem simbólica. A experiência passa a ser considerada apenas pelo que pode ser reduzido à linearidade. Esse fechamento empobrece nossa relação com a imaginação e com os afetos.

Durante um ritual, precisamos permitir que a razão deixe de controlar cada gesto e abra espaço ao trabalho mercurial. Depois, sua função analítica deve ser retomada. A entrega e o exame podem acontecer em momentos diferentes, preservando a experiência e o discernimento que ela solicita.





A consciência mercurial: a ponte dos símbolos

Mercúrio, mensageiro entre planos na linguagem mitológica, oferece uma imagem da consciência intermediária. Ela se aproxima do inconsciente e comunica seus conteúdos à razão. Pode ser comparada a uma criança curiosa: capaz de encantar-se com o que encontra, sem precisar abandonar toda relação com o mundo.

A consciência mercurial se nutre de criatividade, desenhos, escrita, arte, mitos e ritos. Lazer e prazer também oferecem espaço à linguagem simbólica. Ela não depende apenas de momentos formalmente religiosos; participa das maneiras pelas quais imaginamos e expressamos experiências.

No ritual, essa mente permite habitar um símbolo sem reduzi-lo imediatamente a uma explicação racional. Quando esperamos uma força visível e instantânea para admitir o valor da prática, podemos concluir que o rito é apenas teatro vazio. A experiência mercurial solicita outra relação com a linguagem ritual.

O diário mágico acompanha essa dimensão. Imagens e percepções podem surgir sem uma conexão imediatamente compreensível. Registrar é oferecer espaço para que sua elaboração continue, em vez de rejeitar o conteúdo ou transformá-lo depressa em uma certeza.

Esse limiar é relacionado ao subconsciente na linguagem esotérica adotada. Ele mantém uma passagem entre o que podemos organizar conscientemente e o que ainda não sabemos nomear. Na cosmologia wiccana aqui apresentada, também corresponde ao estado mágico e à força mágica que nos habita.

O excesso mercurial pode levar à infantilização da experiência, à literalização dos mitos e à confusão entre representação e realidade. Por isso, o encanto precisa de diálogo com a mente solar. Aprender a viver o símbolo inclui reconhecer que ele pode expressar uma verdade subjetiva sem funcionar como prova literal sobre o mundo.





A consciência lunar: sonhos e profundidades

A consciência lunar designa o inconsciente nesta linguagem simbólica. Ela reúne aquilo que não conseguimos nomear inteiramente pela razão linear. Sua presença pode aparecer nos sonhos, na poesia, na fala livre, na associação espontânea e em ações realizadas sem percepção consciente de seus motivos.

Não controlamos integralmente aquilo que sonhamos. Imagens se organizam em enredos que podem surpreender, emocionar ou inquietar. A mente lunar oferece essa matéria; a mercurial participa de sua tradução; e a solar procura compreender o que pode ser relacionado à vida. O diário de sonhos acompanha esse trabalho.

Na cosmologia aqui utilizada, a consciência lunar corresponde à Deusa. Sua imagem evoca marés interiores, mistério e processos que não dependem apenas de nossa vontade deliberada. Conhecer esse território solicita tempo e a participação das outras consciências, que oferecem linguagem e sustentação.

Sono, experiência onírica e expressões profundas pertencem a essa dimensão. A relação com ela pode ampliar o autoconhecimento, mas não pede que nos desliguemos da realidade. A busca é por integração: perceber o que emerge e construir condições para elaborá-lo.

Quando os conteúdos inconscientes invadem a experiência sem manejo consciente, podem surgir medo, angústia e confusão intensa. A falta de sustentação pode acompanhar perda de contato com a realidade e sofrimento psíquico grave. Esses termos não devem transformar nosso mapa simbólico em um instrumento de diagnóstico.

O desequilíbrio também pode participar de padrões repetitivos e de tentativas compulsivas de acessar ou escapar das experiências internas, inclusive por álcool ou drogas. A orientação é preservar o caráter processual e cuidadoso da jornada. O acesso ao mistério precisa caminhar com as condições de sua integração.





Integração: três linguagens, uma jornada

As consciências se complementam e se modificam. Nenhuma é fixa, incorruptível ou superior. A solar organiza; a mercurial comunica por símbolos; a lunar oferece conteúdos profundos. Em cada uma, o fluxo de Awen pode encontrar expressão. O trabalho espiritual exige relação entre elas, em vez da identificação exclusiva com uma só.

Durante uma prática, a mente mercurial ajuda a sustentar a passagem entre razão e inconsciente. Esse estado intermediário evita tanto a análise excessiva de cada gesto quanto um mergulho sem orientação nas profundidades interiores. Depois, a mente solar retoma a organização e o exame do que foi vivido.

Os diários concretizam esse diálogo. Sonhos, acontecimentos cotidianos e insights rituais podem tocar os mesmos temas por linguagens distintas. Manter os suportes separados favorece a clareza; observar suas relações permite perceber a continuidade da vida interior.

O excesso solar pode fechar a experiência à imaginação; o mercurial pode tomar símbolos como fatos; o lunar, sem sustentação, pode conduzir a confusão e sofrimento. Essas imagens ajudam a refletir sobre o cuidado necessário, sem substituir a compreensão das condições reais de cada pessoa.

O percurso é processual. Exige prática, esforço, disciplina e tempo para conhecer os próprios limites. A vida concreta, a criatividade e o sono pertencem ao mesmo ser. Uma formação integral cultiva espaço para todos, mantendo discernimento sobre aquilo que é percebido.

O exercício seguinte inicia essa observação de maneira simples e continuada. Todos os exercícios desta formação são sugestões, não imposições. A Wicca não busca convencer ninguém a praticar. A possibilidade de adaptar os suportes à realidade e ao conhecimento pessoal acompanha a responsabilidade pela própria escolha.





Exercício 1: livros de registros

O primeiro exercício é a construção dos seus livros de registros. Organize o diário de sonhos, o diário comum ou Livro-Espelho e o diário mágico, mantendo cada tipo de anotação separado. A forma pode acompanhar aquilo que for confortável e funcional para você.

Recomendo que você os faça à mão. Você pode comprar um caderno ou um fichário, separando folhas para cada tipo de anotação, conforme for mais confortável e funcional.

Comece registrando no diário comum os motivos pelos quais você deseja vivenciar essa jornada. Reflita e escreva sobre isso.

Comece também a prestar atenção nos sonhos, mesmo que, no início, você consiga apenas escrever pequenos trechos ou sensações. O importante é começar.

Já no seu livro mágico ou diário mágico, registre apenas os insights que surgirem durante as leituras, ou no seu cotidiano, relacionados aos temas que norteiam a Wicca e a magia.

Posteriormente, você poderá anotar outras experiências e percepções que surgirem ao final das práticas propostas ao longo desta formação.

Orientações que acompanham o exercício

Utilize o cabeçalho apresentado na página 10 para situar seus registros. Preserve o sigilo de suas anotações e a separação entre os três suportes. A recomendação inicial é pela escrita manual; o formato digital pode ser adotado mais adiante. A rotina geral reserva cerca de uma hora semanal para organizar os diários.

Esta etapa não exige inventar uma experiência ritual nem produzir um relato completo de sonho. Ela solicita começar os registros conforme as orientações acima. A continuidade permitirá observar seu processo e preparar o trabalho meditativo que será apresentado na próxima apostila.





Referências e continuidade

Base desta formação

LOURENÇO, Sérgio. *O Caldeirão & a Espada: O Caminho Taliesiniano de Wicca*. Manuscrito fornecido pelo autor. Parte inicial da lição “Onde está o seu Awen?”, até o Exercício 1. Exposição teórica reescrita para a formação em apostilas; exercício preservado com correções pontuais de redação.

Referências citadas nesta etapa

ORR, Emma Restall. *Princípios do Druidismo*. Hi-Brasil, 2002. Relações entre Awen, inspiração, Druidismo e Wicca; discussão apresentada nas páginas 55-56 da edição indicada no material autoral.

MICHELE, Heron. *Bruxaria Elemental*. São Paulo: Nova Senda, 2022. Referência à entonação de Awen no levantamento do Cone de Poder, nas páginas 226-227 da edição citada pelo autor.

GARDNER, Gerald. *A Bruxaria Hoje*. São Paulo: Madras, 2003.

GARDNER, Gerald. *O Significado da Bruxaria*. Madras, 2018.

As referências acompanham a bibliografia e as indicações do manuscrito de formação. Awen, astrologia e os três emblemas de consciência são apresentados no contexto religioso, simbólico e esotérico da Tradição.

Próxima etapa

Apostila 04 · O Centro do Triângulo: os Três Caminhos e a mente meditativa. Integração entre vida material, vínculos e espiritualidade; corpo mágico, correspondências, postura e respiração. Será apresentado o Exercício 2: Alcançando a Mente Meditativa.

